

# Último ano da geringonça foi o de maior contestação na função pública

DN dn.pt/edicao-do-dia/17-jan-2020/ultimo-ano-da-geringonca-foi-o-de-maior-contestacao-na-funcao-publica-

17 de janeiro de  
2020



© Reinaldo Rodrigues/Global Imagens

No ano passado, o último da geringonça, foi farto em greves da função pública. E este ano promete ser também de forte contestação, tendo em conta a paralisação já marcada para o dia 31 de janeiro. No final do mês, o governo PS enfrenta já a primeira frente alargada de protesto dos trabalhadores do Estado contra os aumentos salariais de 0,3%.

No total, em 2019 os sindicatos representativos dos funcionários apresentaram 380 pré-avisos de greve. Foi o ano que maior contestação gerou em toda a legislatura da geringonça. Um número que é quase o mesmo de toda a legislatura de Pedro Passos Coelho, em que foram comunicadas 398 paralisações.

De acordo com os dados recolhidos pelo Dinheiro Vivo até 2011 com base nos pré-avisos comunicados à Direção-Geral da Administração e do Emprego Público (DGAEP), o ano passado é mesmo o recordista de greves da função pública, sendo que estas estatísticas não incluem o setor empresarial do Estado, como, por exemplo, os transportes ou os hospitais EPE.

**"Muitas das ações que se desenvolveram no ano passado tiveram uma ligação direta às expectativas e ao ganho de espaço de manobra em ano de eleições,** numa conjuntura de recuperação económica e de rendimentos", justifica o sociólogo Elísio Estanque, da Universidade de Coimbra.

O investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) acredita, por outro lado, que o facto de ser um governo socialista também promove a contestação, na esperança de maior eficácia. "De um modo geral, as greves tendem a ser mais eficazes com governos do PS do que do PSD", lembrando que o executivo liderado por Passos Coelho estava limitado, dado o momento de austeridade nos anos da crise.

**A greve de dia 31 de janeiro junta as três estruturas sindicais representativas dos trabalhadores da administração pública.** A paralisação foi primeiro anunciada pela Frente Comum, seguiu-se a Fesap e, ontem, os quadros técnicos (STE) juntaram-se, fazendo o pleno.

A paralisação do final do mês tem também a participação da Federação Nacional de Professores (Fenprof) e da Federação Nacional dos Sindicatos dos Enfermeiros (FENSE) que exige o reinício das negociações do acordo coletivo de trabalho.

A Fesap ainda espera ser convocada pelo governo para negociar os aumentos salariais para este ano, sendo que na reunião suplementar que teve com a ministra da Administração Pública entregou uma contraproposta para aumentar o valor do subsídio de refeição e das ajudas de custo, mas não obteve resposta.

## Educação é o setor mais contestatário

---

**Em 2019, mais de metade dos pré-avisos de greve teve origem no setor da educação. Foi um ano particularmente ativo para os sindicatos dos professores.** A contestação maior foi com a contagem do tempo de serviço, num braço-de-ferro que teve o momento mais dramático com a ameaça do primeiro-ministro de se demitir por causa dos impactos orçamentais da contagem integral.

As federações dos sindicatos dos professores exigiam os nove anos, quatro meses e dois dias (9A4M2D, sigla que ficou conhecida nas manifestações dos docentes). O governo acabou por conceder apenas dois anos, nove meses e 18 dias para efeitos de contagem do tempo.

pré avisos de greve

Infogram

**Em segundo lugar no *ranking* surge o setor da Justiça, que no ano passado foi responsável por quase 40% dos pré-avisos que foram comunicados à Direção-Geral da Administração e do Emprego Público.** Neste lote estão as greves marcadas pelos oficiais de Justiça ou os guardas prisionais.

Também ativos estiveram os sindicatos dos enfermeiros com as chamadas "greves cirúrgicas" e que paralisaram os blocos operatórios de diversos hospitais por períodos alargados graças ao dinheiro angariado através de *crowdfunding* (financiamento colaborativo) e que levantou dúvidas sobre a legalidade dos meios utilizados para manter o protesto.

Mesmo assim, o setor da Saúde esteve mais calmo do que nos últimos anos, pelo menos em termos de número.